INTEGRANDO ESCOLA, FAMÍLIA E SUSTENTABILIDADE POR MEIO DE UMA HORTA DOMICILIAR

Alexandre da Silva Cosmo [1];alexandredasc@gmail.com; UFRR
Ogaciano dos Santos Neves[2]; ogaciano@gmail.com; IFRR

Modalidade: Artigo

Área Temática: Educação para a Sustentabilidade

Resumo:

Este artigo relata a experiência do projeto de criação de mini-hortas com garrafas PET, desenvolvido na Escola Municipal Aquilino da Mota Duarte, em Boa Vista-RR, com 17 alunos do 4º ano do ensino fundamental, ao longo de um período de quatro meses. O projeto foi realizado pelos alunos e seus familiares, sob a orientação do professor da sala regular e da coordenação pedagógica. O objetivo do trabalho foi integrar práticas de educação ambiental e agricultura urbana, promovendo a reutilização de materiais, a produção sustentável de alimentos e a participação ativa das famílias. Quanto à metodologia, o projeto adotou uma abordagem qualitativa do tipo pesquisa participante, com etapas que incluíram desde pesquisas bibliográficas e planejamento até a montagem, os cuidados e a manutenção das hortas. Os resultados demonstraram avanços significativos na conscientização ambiental dos alunos e seus familiares, identificados por meio de falas e diálogos em sala de aula. Além disso, o cuidado com as hortas nas residências das crianças contribuiu para o fortalecimento do vínculo entre escola e comunidade, alinhando-se aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). A culminância do projeto, apresentada em uma feira de ciências, evidenciou o impacto positivo da iniciativa, contribuindo para a formação integral dos estudantes.

Palavras-chave: Sustentabilidade; participação familiar; agricultura urbana; educação ambiental; ODS.

1. Introdução

O contexto atual, marcado por desafios ambientais e sociais, exige práticas educativas que promovam a conscientização e o desenvolvimento de atitudes sustentáveis desde os primeiros anos escolares. A relação entre escola, família e comunidade tem se mostrado uma estratégia poderosa para fomentar a educação ambiental, especialmente em áreas urbanas, onde questões

[1] Possui Mestrado em Geografia UFRR (2015), Especialização em Educação, Diversidade e Cidadania pela Faculdade Educacional da Lapa (2016), Graduação em Geografia pela Universidade Federal de Roraima (2012), Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Ciências, Educação e Tecnologia do Norte do Brasil (2019). Professor da rede municipal de Boa Vista/RR.

[2] Possui habilitação em Pedagogia (2022). Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT do IFRR. Professor da rede municipal de Boa Vista/RR. Atuando como coordenador pedagógico. E-mail: ogaciano@gmail.com.

como o aumento de resíduos sólidos, o desmatamento e a destruição causada de garimpagem ilegal.

Boa Vista-RR, cenário deste projeto, é um município que apresenta uma realidade socioeconômica e cultural complexa, caracterizada pela presença de populações indígenas impactadas por atividades ilegais, como o garimpo, e pela chegada massiva de migrantes venezuelanos em situação de vulnerabilidade. Nesse contexto, a escola desempenha um papel fundamental ao promover ações pedagógicas que favoreçam a sustentabilidade e o fortalecimento da cidadania, por meio de projetos que envolvam as famílias e a comunidade. Com essa perspectiva, este artigo relata a experiência do projeto de criação de mini-hortas com garrafas PET, desenvolvido na Escola Municipal Aquilino da Mota Duarte, envolvendo 17 alunos do 4º ano do ensino fundamental e seus familiares. Sob a orientação do professor da sala regular e da coordenação pedagógica, o projeto teve como objetivo integrar práticas de educação ambiental e agricultura urbana, incentivando a reutilização de materiais recicláveis, a produção sustentável de alimentos e a participação ativa das famílias no processo educativo.

Ancorado nos princípios da dialogicidade de Freire (1998) e alinhado aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), o projeto se desenvolveu em etapas que incluíram pesquisa bibliográfica, planejamento, montagem, cuidado e manutenção das hortas, culminando na apresentação dos resultados durante uma feira de ciências. Ao longo de quatro meses, a iniciativa não apenas incentivou a consciência ambiental, mas também fortaleceu os vínculos entre escola e família, promovendo a formação de cidadãos críticos e atuantes.

Por fim, este artigo está estruturado nas seguintes seções: 1. Introdução, 2. O contexto de ensino como guia da ação, 3. Educação ambiental como forma de intervenção no mundo, 4. A família como integrante do processo educativo, 5. Os desafios e oportunidades na aplicação do projeto, 6. Metodologia e 7. Considerações finais.

2. O contexto de ensino como guia da ação

O processo educativo é composto por indivíduos geograficamente situados que emergem de contextos socioeconômicos e socioculturais frequentemente complexos e desiguais. Portanto, o processo educativo deve, em sua completude, abordar temáticas que delineiem a realidade dos alunos, com o objetivo de favorecer sua capacidade real de promover mudanças. Nesse sentido, destaca-se que a pesquisa foi realizada em Boa Vista-RR, capital de Roraima, estado que abriga a quinta maior população indígena do país, conforme dados do IBGE (2023, p. 2),

> Apesar de ser apenas o quinto estado com maior número de residentes indígenas, Roraima é o que tem maior proporção dessa população entre o seu total de habitantes: 15,29%. O estado é seguido por Amazonas (12,45%), Mato Grosso do Sul (4,22%), Acre (3,82%) e Bahia (1,62%).

Esses indígenas são impactados pela grande quantidade de garimpos ilegais que destroem suas terras, causando mortes, envenenamento de peixes e da água, configurando uma grave degradação ambiental. Contudo, parte da sociedade vive direta ou indiretamente ligada aos garimpos ilegais, o que reforça a importância de tratar a temática da preservação ambiental com os futuros cidadãos adultos e usufruidores do bioma brasileiro, conforme a Imagem 1.

Figura 1 – Área Impactada pelo garimpo na região dedo Apiaú, na terra Indígena Yanomami, Roraima.



Fonte: Christin Braga – 7 de abr. de 2021/Grenpeace.

Outra especificidade presente na região é a atual e intensa migração de venezuelanos que, fugindo da crise política, entram no Brasil, estabelecendo-se principalmente na capital. Parte desses grupos é composta por crianças que são inseridas na educação básica. Muitas delas vivem em condições de vulnerabilidade, como em situação de rua, sob pontes, em abrigos improvisados, prédios abandonados ou em locais próximos a grandes quantidades de lixo, apesar das diversas intervenções de órgãos estatais e ONGs (Barbosa et al., 2024; Costa Rodrigues, 2024; Cunha et al., 2021; Neves et al., 2025). Promover a educação sustentável e a preservação ambiental, nesse contexto, torna-se também um exercício de desenvolvimento da empatia para com os colegas, que muitas vezes não compartilham abertamente sua realidade mostrada abaixo. Para Neves et al. (2025, p. 3),

> O município de Boa Vista/RR está inserido no contexto de multiculturalismo, composto por crianças indígenas, pretas, pardas, migrantes, em vulnerabilidade socioeconômica, dentre outras. [...] Por isso, cabe ao professor atuar como mediador das interações culturais, que podem ser desenvolvidas de diversas formas, mas principalmente pela inclusão e acolhimento das crianças migrantes, visto que elas vivenciam diferentes experiências de vida (fome, peregrinação, fragmentação e/ou crise de identidade sociocultural).

Figura 2 – Migrantes venezuelanos aguardam na fila para receber doações de alimentos na Praça Simon Bolívar, em Boa Vista, Roraima, Brasil.



Fonte: André Coelho/Bloomberg.

O contexto de ensino deve ser compreendido como um elemento essencial para guiar ações pedagógicas que promovam uma educação transformadora e inclusiva. Em Boa Vista-RR, a realidade socioeconômica, ambiental e cultural é marcada por desafios que incluem a preservação dos territórios indígenas, impactados por garimpos ilegais, e a integração de crianças venezuelanas em situação de vulnerabilidade. Esses fatores evidenciam a necessidade de uma abordagem educativa que não apenas transmita conhecimentos, mas que também incentive reflexões críticas sobre questões ambientais, sociais e éticas.

3. Educação ambiental como forma de intervenção no mundo

A educação ambiental está prevista em diversos documentos orientadores da educação brasileira, como a Proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental e a Constituição Federal de 1988, que estabelece ao Poder Público o dever de "promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente" (Brasil, 1988, p. 20). Além disso, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) determina que o currículo escolar deve contemplar "a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade" (Brasil, 1996).

Considerando que "ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo" (Freire, 2005, p. 96), os professores e a coordenação pedagógica desenvolveram um projeto com o objetivo de superar o ensino meramente propedêutico, a simples curricularização ou o enfoque exclusivo em competências. O projeto buscou conscientizar os alunos e seus familiares sobre a importância de intervir no mundo por meio de ações sustentáveis, utilizando práxis pedagógicas alinhadas aos objetivos da educação básica. Esses objetivos incluem "o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho" (Brasil, 1996, p. 5).

Nesse contexto, as aulas foram realizadas a partir da problematização, relatando os efeitos negativos da ausência de práticas voltadas para a preservação ambiental. Baseando-se nas

concepções freirianas, especialmente na dialogicidade, o professor promoveu momentos de autorreflexão e aprendizagem sobre a temática, utilizando estratégias como exibição de vídeos, integração com as atividades do livro de ciências e, especialmente, a problematização.
Com o objetivo de serem protagonistas do processo de conscientização ambiental, o professor fez alguns questionamentos, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 – Algumas perguntas utilizadas para problematizar a temática.

Os recursos naturais são ilimitados?
As ações causadas por nós poderão afetar nossos netos?
Qual é a nossa função como seres vivos em relação à natureza?
O que é preservar?
Pequenas atitudes de vocês, estudantes, podem influenciar ações globais?
O que seus familiares pensam e fazem em relação ao consumo e à reutilização de materiais recicláveis?
Alguém tem horta em casa?
O que vocês fazem com as garrafas de refrigerante?
Quem conhece as plantas medicinais e seus efeitos na medicação caseira?

Fonte: Autores (2024).

Diante as perguntas acima, os alunos participaram de aulas que abordavam a preservação ambiental, formas de desenvolver o consumo consciente e a importância da atuação individual como meio de influenciar a coletividade no cuidado com os recursos naturais. Especialmente no contexto em que cada aluno convive.
Para alcançar esses objetivos, o trabalho foi fundamentado na dialogicidade proposta por Freire (1998), na concepção crítica da educação ambiental defendida por Sauvé (2005) e na perspectiva docente de alinhar as ações aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas - **Saúde e Bem-Estar, Educação de qualidade, Cidades e comunidades sustentáveis**.
Conforme Sauvé (2005, p. 17), "quando se aborda o campo da educação ambiental[...] os diferentes autores (pesquisadores, professores, pedagogos, animadores, associações, organismos, etc.) adotam diferentes discursos sobre a EA".
Essas diversas concepções provêm do histórico objetivo da educação brasileira, que por vezes segue rumos distintos, passando desde abordagens tradicionais e propedêuticas até um modelo educacional que propõe formas críticas de atuação no mundo. Nesse modelo, o educando assume o papel de protagonista, atuando em sua realidade social como um membro pensante, crítico, reflexivo e dialógico.
Para Sauvé (2005, p. 17), os agentes de educação ambiental, "propõem diversas maneiras de conceber e de praticar a ação educativa neste campo. Cada um predica sua própria visão e viu-se, inclusive, formarem- se 'igrejinhas' pedagógicas que propõem a maneira 'correta' de educar, "o melhor" programa, o método adequado".
Ele reconhece que "embora cada uma das correntes apresente um conjunto de características específicas que a distingue das outras, as correntes não são, no entanto, mutuamente excludentes em todos os planos: certas correntes compartilham características comuns" (Sauvé, 2005, p. 18).
Pode-se considerar que as mais diversas concepções de teorias provêm do multiculturalismo, da liberdade pedagógica, cientifica e sobretudo do viés, por vezes, ideológico, cientifico e do

docente que, inclusive, está amparado pelos princípios norteadores da educação brasileira, " II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;[...]"(Brasil, 1996).
Sauvé (2005) descreve a existência e explora 15 correntes de educação ambiental: naturalista, conservacionista/recursista, resolutiva, sistêmica, científica, humanista, moral/ética, holística, biorregionalista, práxica, crítica, feminista, etnográfica, eco-educação e sustentabilidade. Seguindo as concepções teóricas com as quais os autores dialogam, o projeto desenvolvido com a turma do 4º ano baseou-se na corrente crítica que segundo Sauvé (2005, p. 19).

> Esta corrente insiste, essencialmente, na análise das dinâmicas sociais que se encontram na base das realidades e problemáticas ambientais: análise de intenções, de posições, de argumentos, de valores explícitos e implícitos, de decisões e de ações dos diferentes protagonistas de uma situação. Existe coerência entre os fundamentos anunciados e os projetos empreendidos? Há ruptura entre a palavra e a ação? Em particular, as relações de poder são identificadas e denunciadas: quem decide o quê? Para quem? Por quê? Como a relação com o ambiente se submete ao jogo dos valores dominantes? Qual é a relação entre o saber e o poder? Quem tem ou pretende ter o saber? Para que fins?

Como se observa, a corrente crítica busca conscientizar as pessoas para que se tornem cidadãos críticos e atuantes, capazes de ir além do campo teórico e transcender para a prática, influenciando a coletividade sobre a necessidade vital de preservação ambiental e consumo consciente dos recursos naturais. Nesse sentido, os alunos demonstraram a importância da intervenção social no ambiente familiar, incentivando os pais, avós e até mesmo as crianças pequenas de casa a adotarem atitudes assertivas em relação ao desenvolvimento sustentável.
Nesse viés,

> A educação ambiental que se inscreve numa perspectiva sociocrítica (socially critical environmental education) convida os participantes a entrar num processo de pesquisa em relação a suas próprias atividades de educação ambiental (...). É preciso considerar particularmente as rupturas entre o que o prático pensa que faz e o que na realidade faz e entre o que os participantes querem fazer e o que podem fazer em seu contexto de intervenção específica. O prático deve se comprometer neste questionamento, porque a busca de soluções válidas passa pela análise das relações entre a teoria e a prática. (...) A reflexão crítica deve abranger igualmente as premissas e valores que fundam as políticas educacionais, as estruturas organizacionais e as práticas em aula. O prático pode desenvolver, através deste enfoque crítico das realidades do meio, sua própria teoria da educação ambiental (Robottom e Hart, 1993, p. 24).

Diante dessas concepções teórico-metodológicas, o projeto avançou para as aulas em sala de aula, abordando conceitos sobre o ambiente, a fauna, a flora, a agricultura familiar, a reciclagem de garrafas e outros materiais que podem ser reutilizados em casa, além da preservação e diversos outros temas relacionados à temática, Nesse etapa, os participantes relatavam a importância de compartilhar os conhecimentos com os familiares e estimularam a pesquisa como forma de ampliar o conhecimento teórico dos alunos. Uma das pesquisas solicitadas foi, pesquise sobre os Objetivo do Desenvolvimento Sustentável – ODS, conforme Imagem 1.
Essa temática foi problematizada em sala de aula a partir dos conhecimentos prévios e adquiridos na pesquisa. Por isso, as ações foram focadas nos seguintes objetivos ODS 12

(Consumo e Produção Responsáveis), ODS 11 (Cidades e Comunidades Sustentáveis), ODS 4 (Educação de Qualidade) e ODS 2 (Fome Zero e Agricultura Sustentável).

Figura 3: primeiras discussões acerca do cultivo de plantas em garrafas PET, agricultura urbana e os ODS, através de pesquisas.



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Logo após, iniciou-se o processo de coletar, cortar e preencher com adubo as garrafas PET, que serviriam como recipientes para as mini-hortas. Durante essa atividade, os alunos revisitaram conceitos como os tipos de solos, a decomposição de materiais no meio ambiente, os processos de fotossíntese, o uso de agrotóxicos, os elementos essenciais para o cultivo doméstico e a relação custo-benefício de uma horta domiciliar, entre outros temas. À medida que os diálogos avançavam, os alunos compartilharam experiências, tanto positivas quanto negativas, relacionadas às questões ambientais, promovendo reflexões significativas tanto para eles quanto para seus familiares, conforme ilustrado na Figura 2.

Figura 4: Os alunos construindo a estrutura de sua mini horta e colocando a terra preparada.



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

4. A família como integrante do processo educativo

A participação ativa da família foi essencial para o sucesso do projeto de mini hortas com garrafas PET. Os familiares se envolveram em atividades como pesquisas sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), conforme a Figura 4, acompanharam os cuidados com as hortas e dialogaram sobre as aprendizagens, conforme relatos dos alunos. Estes compartilhavam, no grupo da turma, imagens das plantas e dos momentos de cuidado com elas. Esse envolvimento permitiu que os familiares vivenciassem os impactos positivos do projeto, com os alunos atuando como agentes de transformação social, ainda que limitados à sua realidade familiar.

Observou-se o engajamento de alguns familiares, que enviaram fotos e compartilharam experiências com o professor e a coordenação pedagógica, os quais acompanharam todo o processo de preparação e execução das apresentações para os visitantes da feira. Outras turmas também puderam conhecer o projeto e demonstraram entusiasmo em participar de experiências similares. Cada garrafa estava identificada com o nome do aluno e alguns desenhos personalizados, destacando as características únicas de cada participante. Os cartazes que detalhavam as etapas do projeto e suas descrições foram essenciais para transmitir as informações sobre o que foi desenvolvido.

Na culminância do projeto, os pais compareceram ao evento, onde os estudantes apresentaram o desenvolvimento das atividades realizadas. Apesar de alguns estarem um pouco nervosos, ao final, as famílias compartilharam suas experiências e resultados, evidenciando os benefícios dessa parceria. Esse momento reforçou a importância do envolvimento familiar e do trabalho coletivo, promovendo aprendizado e fortalecendo os vínculos entre escola, família e comunidade.

Figura 5: Os alunos e familiares cultivando as hortas em suas residências.



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

5. Os desafios e oportunidades na aplicação do projeto

Diante dos múltiplos contextos dos alunos, os desafios incluíram a busca por um local adequado para servir como canteiro para as aulas práticas. Contudo, isso não se mostrou um impedimento para alcançar os objetivos do projeto. Além disso, identificaram-se dificuldades, como o acompanhamento familiar negligenciado de um dos alunos e a falta de comprometimento de alguns familiares.

Por meio de um acompanhamento pedagógico e com o suporte da coordenação pedagógica, foi possível analisar cada contexto específico e intervir, auxiliando os alunos e orientando os pais quanto à importância de uma participação ativa. Essa orientação também visou incentivar os familiares a comparecerem à feira de ciências para prestigiar as apresentações.
O nome da seção foi inspirado no entendimento de que os desafios surgem para nos levar a repensar ações e buscar fazer melhor. Como bem coloca Mário Sérgio Cortella, faça o teu melhor, na condição que você tem, enquanto você não tem condições melhores para fazer melhor ainda. Esse pensamento reflete a essência do trabalho realizado, mostrando que, mesmo diante de dificuldades, é possível avançar e promover transformações significativas que a princípio parecem pequenas, mas que são sobretudo, pequenas mudanças.

6. Metodologia

Este artigo é um relato de experiência de abordagem qualitativa, realizado a partir de experiências práticas do projeto de criação de mini hortas. Tanto a produção da horta quanto a produção deste artigo, foram embasados na seguinte questão-problema: como promover a educação ambiental e a sustentabilidade por meio da criação de uma mini horta, incentivando a reutilização de materiais e a produção de alimentos orgânicos?
Assim, o projeto foi realizado em cinco etapas: pesquisa bibliográfica. Conforme Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica "é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza".
Nesta etapa inicial, foi realizada uma pesquisa em periódicos da CAPES, na plataforma SciELO, em sites especializados, além da consulta aos livros-base da disciplina de Ciências, com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre o cultivo de plantas em garrafas PET, os benefícios da agricultura urbana e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), sendo as palavras acima usada como descritores de busca.
A segunda etapa, planejamento da Mini Horta, foram realizadas a seleção das espécies de plantas a serem cultivadas e a coleta dos materiais necessários, como garrafas PET, terra, sementes ou mudas. Essa etapa também incluiu a organização dos recursos para garantir o bom andamento do projeto. O professor disponibilizou sementes e os alunos juntaram garrafas pet que seriam descartadas.
Já a montagem da horta definida como terceira etapa, realizou-se a construção das minis hortas. Nesse processo, os estudantes adicionaram uma camada de pedras pequenas e carvão ativado no fundo das garrafas para melhorar a drenagem. Em seguida, as garrafas foram preenchidas com terra adequada e, por fim, ocorreu o plantio das sementes ou mudas selecionadas.

Realizaram-se os cuidados e a manutenção das hortas. Essa etapa incluiu atividades como rega regular, controle de pragas e a colheita das plantas no momento adequado. Esses cuidados foram fundamentais para o sucesso do cultivo e para envolver ativamente os participantes no processo.
A etapa final consistiu na avaliação e na apresentação dos resultados na feira de ciências. Para isso, utilizou-se uma abordagem qualitativa e formativa, com observações realizadas desde o início do desenvolvimento do projeto. As crianças foram engajadas em um processo formativo, culminando na apresentação do projeto para a comunidade escolar durante a feira de ciências

da escola municipal. Esse momento foi essencial para compartilhar os aprendizados e disseminar a importância da agricultura urbana e da sustentabilidade.

7. Considerações finais

O projeto de criação de mini-hortas com garrafas PET, desenvolvido na Escola Municipal Aquilino da Mota Duarte, revelou-se uma experiência pedagógica transformadora. Ao integrar práticas de educação ambiental e agricultura urbana, foi capaz de promover a reutilização de materiais, a produção sustentável de alimentos e a participação ativa dos familiares no processo educativo.

Os resultados obtidos demonstraram avanços significativos na conscientização ambiental dos alunos e de suas famílias, reforçando a importância de envolver a comunidade escolar em atividades que ultrapassam os limites da sala de aula. Além disso, o vínculo entre escola, família e comunidade foi fortalecido, possibilitando a formação de cidadãos críticos, reflexivos e conscientes de seu papel no cuidado com o meio ambiente.

A metodologia adotada, baseada em uma abordagem qualitativa e na pesquisa participante, evidenciou a relevância de práticas pedagógicas que dialoguem diretamente com a realidade dos alunos. Apesar dos desafios enfrentados, como a falta de comprometimento de alguns familiares e as dificuldades logísticas, o projeto mostrou que, mesmo em contextos adversos, é possível alcançar mudanças significativas quando se trabalha com intencionalidade, planejamento e empatia.

A culminância na feira de ciências representou um marco para o compartilhamento de aprendizados e experiências, reforçando o impacto positivo da iniciativa. A criação das hortas não apenas trouxe benefícios ambientais, mas também contribuiu para a formação integral dos estudantes, alinhando-se aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e aos princípios de uma educação para a sustentabilidade.

Referências

BARBOSA, Loeste de Arruda; SALESB, Alberone Ferreira Gondim; SOUZA, Iara Leão Luna. **Reflexos da imigração venezuelana na assistência em saúde no maior hospital de Roraima:** análise qualitativa**.** Revista Saúde Soc. São Paulo, v.29, n.2, e190730, 2020. Disponível em: https://scielosp.org/article/sausoc/2020.v29n2/e190730/#. Acesso em: 09 nov. 2024.

COSTA RODRIGUES, J. **MIGRAÇÃO E ENSINO**: ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOCENTE FRENTE AOS ESTUDANTES VENEZUELANOS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE BOA VISTA-RR. Revista Científica FESA, [S. l.], v. 2, n. 27, p. 145, 2024. DOI: 10.56069/2676-0428.2024.471. Disponível em: https://revistafesa.com/index.php/fesa/article/view/471. Acesso em: 6 nov. 2024.

CUNHA, Patricia Socorro da Costa; ILDEBRAND, Isaias dos Santos. **Migração venezuelana no Estado de Roraima:** direitos, educação e cidadania. Revista Philologus, Ano 27, n. 81, Rio

de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2021. Disponível em:https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/833. Acesso em 09 nov. 2024.

Brasil. IBGE. **Brasil tem 1,7 milhão de indígenas e mais da metade deles vive na Amazônia Legal.** Brasília, DF, 07 ago. 2023. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37565-brasil-tem-1-7-milhao-de-indigenas-e-mais-da-metade-deles-vive-na-amazonia-legal Acesso em: 24 de jan. de 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Diário Oficial da União: Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 07 ago. 2024. FAO. (2021). Agricultura Urbana e Periurbana. Disponível em: http://www.fao.org/agriculture/crops/thematic-sitemap/theme/urban-agriculture/en/. Acesso em: 07 ago. 2024.

[Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p. Disonível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 de nov. 2024.

Neves, O. dos S., Aroucha, B. K. L., Araújo, B. K. S. de ., & Santos, T. S. dos . (2024). Educação Infantil: Diversidade, Inclusão E Aplicação De Leitura E Escrita No Leei. Anais do I congresso internacional de educação, ciência e tecnologia (I CIECT), 1. https://doi.org/10.5281/zenodo.14274871

ONU. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. 2020. Disponível em: https://www.un.org/sustainabledevelopment/sustainable-consumption-production/. Acesso em: 07 ago. 2024.

ROBOTTOM, I.; HART, P.**Research in Environmental Education**: engaging the debate.Geelong: Deakin University Press, 1993.

SAUVÉ, L. **Uma cartografia das Correntes em educação ambiental**. In: M. SATO; I. C. M. CARVALHO (org.). Educação Ambiental. Porto Alegre: Artmed. p. 17-45, 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6537868/mod_resource/content/1/Sauve%20correntes%20EA%20-%20aula%2026%20agosto.pdf. Acesso em: 20 de nov. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 213 p. ISBN 8521900058.